

“No caminho das águas tem presentes no rio, tem festa no mar”: o hibridismo cultural nas festas de Iemanjá e Oxum em Salvador e Aracaju*

*Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar***

Resumo. Este artigo apresenta uma análise sobre as festas destinadas aos orixás das águas, ou seja, Iemanjá e Oxum, objetivando compreender o processo de suas construções. Trata-se de uma análise sobre as relações estabelecidas entre a comunidade religiosa e estas divindades por meio destas festas e a sua importância para a identidade afro-brasileira. Escolhemos as festas de Iemanjá, que acontecem no dia 02 de fevereiro em Salvador-BA, e a festa de Oxum, que se realiza no dia 08 de dezembro em Aracaju-SE. Estes rituais festivos reúnem centenas de pessoas em suas localidades, apresentando especificidades que as tornam únicas, com expressões de devoção que demonstram todo o processo de hibridismo cultural que se reflete na construção da identidade afro-religiosa de seus participantes.

Palavras-chave: Memória; Hibridismo cultural; Identidade; Religiões afro-brasileiras.

“In the water paths, there are presents in the river; there are feasts in the sea”: Cultural hybridism in the feasts celebrating Iemanjá and Oxum in Salvador and Aracaju

Abstract. Current analysis deals with the feasts of the water gods or *orixás*, namely Iemanjá and Oxum, and explains the process of their constructions. The relationships established between the religious community and the deities through the feasts are investigated, coupled to their relevance for the Afro-Brazilian identity. The feasts of Iemanjá on the 2nd February in Salvador BA Brazil and the feast of Oxum on the 8th December in Aracaju SE Brazil are described and analyzed. The rituals gather thousands of people and show unique specificities with expressions of devotion that reveal the process of cultural hybridism represented by the construction of Afro-Brazilian identity of their participants.

Keywords: Memory; Cultural hybridism; Identity; Afro-Brazilian religions.

* Artigo recebido em 13/11/2014. Aprovado em 11/12/2014.

** Mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA, Salvador/BA, Brasil. Professora da Unirb, Aracaju/SE, Brasil. E-mail: janainacouvo@gmail.com

“En el camino de las aguas hay regalos en el río, hay fiesta en el mar”: El hibridismo cultural en las fiestas de *Iemanjá* y *Oxum* en Salvador y Aracaju

Resumen. Este artículo analiza las fiestas destinadas a los *orixás* de las aguas, o sea, a *Iemanjá* y *Oxum*, con el objetivo de comprender el proceso de sus construcciones. Se trata de un análisis sobre las relaciones establecidas entre la comunidad religiosa y estas divinidades a través de las fiestas y de su importancia para la identidad afro-brasileña. Elegimos las fiestas de *Iemanjá*, que se desarrollan todo 2 de febrero en Salvador (Bahía), y de *Oxum*, celebradas todo 8 de diciembre en Aracaju (Sergipe). Estos rituales festivos reúnen centenas de personas en sus respectivas localidades, con sus propias especificidades que las convierten en únicas, con expresiones de devoción que demuestran todo el proceso de hibridismo cultural presente en dichos festejos y que se reflejan en la construcción de la identidad afro-religiosa de sus participantes.

Palabras Clave: Memoria; Hibridismo Cultura; Identidad; Religiones Afro-Brasileñas.

Os orixás, a natureza e as águas

Nas religiões afro-brasileiras, as divindades africanas possuem forte relação com a natureza. Ou melhor, elas são consideradas suas representações, como o vento, as águas doces e salgadas, as florestas, o arco-íris, as folhas, entre outras manifestações. Todos os rituais destinados a estas divindades nos terreiros envolvem este espaço, seja na preparação das oferendas, no processo de iniciação, nas obrigações religiosas ou até no momento último, ou seja, na morte. Em tudo existe esse diálogo entre o sagrado e a natureza, pois ela é a fonte do sagrado no candomblé.

Na África, as divindades relacionadas às águas têm seus rituais realizados em determinados espaços que se transformam em seu domínio sagrado. O mar é a morada de Olokun, divindade africana que, dependendo a região, tem sua representação masculina ou feminina. Nos rios estão os domínios de Iemanjá, Oxum e Ewá, que nas regiões africanas possuem seus

rios correspondentes, que se transformam em morada dessas divindades, concentrando todos os seus rituais sagrados.

Entre as divindades africanas relacionadas às águas, durante a escravização dos africanos para o Brasil, houve um processo de reinterpretação e reestruturação do culto aos orixás em terras brasileiras. Neste processo, algumas divindades não conseguiram manter seu culto, outras, tiveram seu culto bastante definido, como é o caso de Iemanjá. Este orixá assume o domínio das águas como um todo, mas com destaque as águas salgadas – tendo sua morada no mar. Na África, este orixá é a divindade do rio Ogum, que fica na região da Nigéria, tendo seu ritual centrado nas águas doces desse rio. Segundo Vallado, seu culto inicialmente teria sido desenvolvido,

pelos ebás (*ègbá*), povo assentado numa região situada entre as cidades de Ifé e Ibadan. Até o século XIX, com a expansão dos ebás e disseminação de sua cultura em consequência de guerras entre as várias etnias iorubas, o culto a Iemanjá foi levado para Abeocutá e demais povoações ao longo do rio Ogum, sendo Iemanjá então a ele associada. Com o tempo passou a ser cultuada em quase todo o território iorubano (VALLADO, 2011, p. 25).

Assim, se na África seu culto está centrado nas águas doces, no Brasil, Iemanjá se torna a divindade do mar, das águas salgadas. É a protetora dos pescadores, sendo cantada em verso e prosa por artistas de várias partes do país, em melodias que ressaltam suas principais características: a maternidade, a feminilidade e a proteção amorosa a todos aqueles que procuram construir com esta divindade uma relação de proximidade ou de devoção.

Também como Iemanjá, a divindade africana, Oxum, possui um culto bastante popular no Brasil. Dona das águas doces, dos rios e nascentes, Oxum é a divindade do amor, da maternidade, da fertilidade e do ouro. Na África, esta divindade tem seu culto presente no rio do mesmo nome, Oxum, que fica na região da Nigéria, onde, segundo Verger (1999), anualmente acontece um ritual festivo dedicado a esta divindade, denominado *Ibo – osoun*. De acordo com este autor,

Nessa ocasião come-se muito inhame, dança-se e toca-se o tambor. Durante a dança, a deusa escolhe habitualmente uma das mulheres da assistência para, através dela, marcar sua presença momentânea... Todos aqueles que estão doentes, sofrem ou têm qualquer tipo de preocupação caem a seus pés, em sinal de veneração, e lhe expõe suas questões... Mas não é apenas no dia da festa anual que a deusa *Osumse* prontifica a prestar serviços às pessoas. Durante o ano inteiro ela acolhe com bondade um visitante, e, em qualquer época do ano, muitos peregrinos dirigem-se às margens de seu rio (VERGER, 1999, p. 395).

Tendo como cores o amarelo-ouro e utensílios de cobre, Oxum também possui um culto bastante difundido entre os adeptos das religiões afro-brasileiras, muitas vezes cultuada junto de Iemanjá, em rituais nos rios ou nos mares. Ainda faz parte do domínio das águas o orixá Ewá, que tem seu culto original na Nigéria, num rio que tem o mesmo nome e que, segundo Verger (1999), está muito próximo do rio Ogum, onde se realiza o culto a Iemanjá na África. Já o orixá Nanã é considerado uma das mais antigas divindades africanas, sendo no Brasil associada às águas, principalmente as águas pantanosas.

Entretanto, pela representatividade dos rituais voltados a Iemanjá e Oxum nas diversas regiões brasileiras, principalmente no litoral, este artigo apresenta uma análise sobre as festividades dedicadas a estes orixás.

As divindades das águas e suas celebrações

As festas para Iemanjá e Oxum reúnem centenas de pessoas, principalmente em regiões litorâneas ou banhadas por rios, onde seus devotos levam seus presentes e oferendas para serem colocadas nestes locais, sejam em barcos, em cestos, ou mesmo diretamente nas águas, tudo direcionado para as “Senhoras das águas”. Mesmo que o domínio sagrado de cada divindade seja os rios ou o mar, durante as festividades, geralmente, encontramos celebrações em que ambas recebem as oferendas e presentes.

Sobre este universo sagrado, alguns estudiosos já se debruçaram, construindo reflexões acerca de suas características e apresentando olhares diferenciados sobre os rituais e demais celebrações que acontecem nos terreiros e nas cidades. Um estudo clássico sobre a festa de Iemanjá de Salvador foi desenvolvido por Edson Carneiro (1991), que apresenta uma reflexão sobre a presença da devoção a Iemanjá na Bahia. Ressalta os aspectos mitológicos sobre este orixá, fazendo uma relação com os mitos da mãe d'água existentes no Brasil, porém, registrando que na Bahia existe uma presença mais significativa da referência africana a Iemanjá. Entretanto, mesmo fazendo esta ressalva, ele utiliza a terminologia mãe d'água para também identificar esta divindade, o que representa a diversidade de referências existentes para denominar Iemanjá: Janaina, sereia, rainha do mar, mãe d'água, Inaê, entre outras, todas fazendo uma relação com as águas e os seres encantados do imaginário popular brasileiro que povoam este lugar.

O autor identifica a presença da festa de Iemanjá no rio Vermelho, em Salvador, no dia 2 de fevereiro, quando centenas de pessoas levam os presentes para serem entregues a esta divindade, na sua morada, o mar. Informa ainda que os rituais festivos acontecem em outros dias e locais da cidade, além de também apresentarem uma relação sincrética com os dias em que são comemoradas as festividades católicas para Nossa Senhora e suas representações – Piedade, Candeias, Conceição, entre outras.

Entretanto, no que diz respeito às festas afro-brasileiras, o autor considera que,

o culto a Iemanjá tende a absorver os dos outros [orixás das águas] universalizando-se, ajudado, naturalmente, pelas tendências inconscientes que o folclore revela para a divinização da mãe por parte dos povos do mundo (CARNEIRO, 1991, p. 48).

Esta presença forte das festas de Iemanjá em detrimento das outras divindades relacionadas às águas é perceptível em várias cidades, porém, existem incorporações, como no caso de Oxum, que em muitas regiões recebe presentes junto com Iemanjá. O que as pessoas levam como presentes são coisas que expressam a característica do feminino destas divindades: são perfumes, flores, espelhos, pentes, bijuterias, tudo arrumado em cestos, barcos ou mesmo levados em sacolas que são colocados no mar.

Enquanto em alguns lugares o termo utilizado para os rituais destinados a Iemanjá é “presente”, em Recife, Raul Lody (1995) faz referência à “panela de Iemanjá”, um ritual que acontece todos os anos no dia 8 de dezembro, reunindo os adeptos do candomblé e da umbanda em torno de uma panela onde são colocados os presentes para a divindade das águas, objetos que exaltam sua vaidade, assim como também algumas comidas. É organizado um cortejo até a praia, onde,

a panela é colocada nas águas conduzida por um ou mais homens, iniciados, especialmente escolhidos para tão grande honraria. Eles vão a nado ou ocupando um barco e somente bem distantes da praia o presente deve ser entregue. Ao tocar as águas, a panela já pertence à Iemanjá e os adeptos que formam o cortejo esperam na praia. Sabem que Iemanjá está contente, pronta a atender todos os recados escritos, falados ou simplesmente pensados. Os filhos de Iemanjá entram em estado de santo e essa é a melhor resposta (LODY, 1995, p. 70).

Em sua reflexão, o autor ressalta que este ritual acontece em algumas regiões de Pernambuco, para Iemanjá e Oxum, onde são colocadas panelas na região em que ocorre o encontro do rio com o mar, sendo realizados rituais coletivos para estas duas divindades das águas. É importante destacar que na própria mitologia dos orixás, os relatos sobre Iemanjá trazem a presença de Oxum como sendo sua filha, estando as águas doces sobre sua proteção. Entretanto, Iemanjá tem o domínio das águas como um todo.

Um estudo de João Simões Cardoso Filho (2011), sobre o “Festival de Iemanjá” que acontece em Belém, no Pará, apresenta uma análise sobre o surgimento do ritual voltado a entrega do presente para a divindade das águas naquela região. Esta festa teve início, segundo o autor, a partir de um pagamento de promessa, e que também envolveu alguns terreiros da região, sendo conseqüentemente incorporado pelo povo do santo, resultando em conflitos com a federação umbandista.

O controle do festival e a interferência de outros personagens, enquanto participantes da organização, transformou o festival em um evento que ultrapassou o aspecto religioso, tornando-se uma atração da cidade. É interessante ressaltar que a oferenda a Iemanjá é entregue numa praia de águas doces, aspecto este que traz para o ritual a presença de Oxum. Segundo o relato de Cardoso Filho (2011), que acompanhou o evento:

diferentemente do ano anterior eu pude entrar em um dos barcos que entrou no rio para jogar as oferendas nas águas de Mamãe Oxum, para que Ela as levasse até a Mãe Iemanjá ao desembocar no mar. Era esta afinal a explicação que todos eles davam para o fato de que faziam um ritual a Iemanjá em praias de águas doces, e, além disso, na data de Mamãe Oxum, na passagem de 7 a 8 de dezembro (CARDOSO FILHO, 2011, p. 5).

São perceptíveis as particularidades locais que são incorporadas na organização das festas de Iemanjá, definindo seus rituais, o que pode ou não ser oferecido à divindade, elaborando a festa a partir de elementos da identidade cultural afro-brasileira da cidade.

Em Fortaleza, a festa de Iemanjá acontece no dia 15 de agosto, na Praia do Futuro. Organizada, segundo a socióloga Maria Zelma Araújo Madeira (2008), pelos adeptos da Umbanda, esta festa acontece no dia de Nossa Senhora da Assunção, a padroeira de Fortaleza, por isso, é um dia de feriado, o que resulta numa quantidade considerável de pessoas que vão em direção à praia, onde acontece toda a festividade. A autora apresenta uma reflexão acerca

do processo de organização da festa, ressaltando os conflitos políticos entre os adeptos da Umbanda e também com a União Espírita Cearense de Umbanda.

Estas tensões envolvem opiniões diferentes acerca da festa e de como a presença política no evento vem interferindo na dimensão sagrada, além dos aspectos externos que acabam contribuindo para o desrespeito para com os adeptos das religiões afro-brasileiras que participam das festividades durante todo o dia, como a presença da bebida, de trios elétricos, entre outros.

Assim, a autora percebe que

há diferentes posicionamentos acerca do evento, principalmente quando algumas mães-de-santo da Umbanda apontam ali aspectos considerados profanos, que fogem à dimensão religiosa. Por outro lado, podemos supor também uma relativa autonomia de muitos terreiros e adeptos que fazem a “sua festa” para Iemanjá, guardando distância do lado oficial organizado pela União Espírita Cearense de Umbanda ou da forma que alguns sacerdotes e sacerdotisas desejam. Com as suas próprias manifestações, realizam a festa da forma como a entendem (MADEIRA, 2008, p.106).

Estas tensões relativas à organização da festa em Fortaleza podem ser encontradas em outras cidades, entretanto, também encontramos as festas de Iemanjá que nem sempre são marcadas por estes conflitos. Assim, as festividades dedicadas à divindade das águas apresentam dimensões que ultrapassam o seu aspecto sagrado, surgindo situações que diferem de um local para outro.

Este universo sagrado em torno das senhoras das águas foi tema de estudo desenvolvido por Armando Vallado (2011), que traz uma análise bastante completa, ultrapassando os aspectos festivos. Apresenta os aspectos mitológicos, assim como também os elementos sagrados relacionados a este orixá, desde a iniciação, as obrigações, os preparativos, assim como também as suas festas públicas realizadas nas regiões praianas. O autor seleciona três festas públicas para construir sua reflexão – a festa de 2 de fevereiro em Salvador, 8 de dezembro na Praia Grande, em São Paulo, e 31 de dezembro em Santos, São Paulo. Em Praia Grande foram percebidas duas situações diferentes por Vallado:

a primeira nos contou sobre a relação do fiel para com a divindade, o esforço para agradar e ter os favores de Iemanjá e mesmo refazer o pacto de fé. A segunda mostrou a criação de um intenso espaço onde a fé misturou-se com o lazer, criando uma rede social mantida pela ambiguidade dos objetivos buscados no local da realização do evento. Nesse encontro, as pessoas conviveram pacificamente, sem demandar qualquer conflito na realização de seus objetivos, principalmente aquelas distantes da fé daquele grupo específico, que levou para a praia parte do conteúdo de sua religiosidade (VALLADO, 2011, p.189).

Desta forma, o autor revela uma característica diferente daquela encontrada em Fortaleza, ou seja, um espaço público onde a festa de Iemanjá acontece sem necessariamente haver conflitos, e todos os adeptos do candomblé e da umbanda realizam suas oferendas e rituais sem qualquer tipo de problema que pudesse contribuir para atrapalhar o evento. A convivência entre religiosos e a comunidade se mantém de forma pacífica, sem interferências que pudessem contribuir para qualquer tipo de expressão de intolerância para com os religiosos que estão ali, cultuando sua divindade.

Uma das festas mais conhecidas para Iemanjá no Brasil acontece em 31 de dezembro, no Rio de Janeiro, onde reúnem milhares de pessoas de várias partes do país e do mundo, já incorporada ao calendário turístico da cidade. Entretanto, esta festa começou de forma muito tímida, segundo Ariomar Lacerda (1995), com alguns poucos terreiros, que se reuniam e iam para as praias mais distantes, levando os presentes para Iemanjá. Os adeptos da Umbanda e do Candomblé deixavam para vestir as roupas do ritual na própria praia, para não sofrerem com o preconceito e chamarem a atenção. Porém, segundo o autor,

A coragem foi se apoderando dos seus filhos, dos seus adeptos, e estes foram enfrentando a opinião pública, as críticas. Aos poucos, foram tomando conta das zonas litorâneas. Começaram pelas praias mais afastadas, pelos locais mais discretos. Mas, em seguida, invadiram as praias do norte e sul da cidade. A partir de 1952, o culto começou a ser feito publicamente. As barcas enchiam-se de grande número de centros e pessoas, que levavam flores e presentes para serem atirados durante a travessia e

ofertados à Iemanjá. Sem que ninguém combinasse, o último dia do ano e as primeiras horas do Ano Novo ficaram sendo as datas eleitas pelo povo para render homenagens, para louvar a Grande Sereia dos Sete Mares (LACERDA, 1995, p.73).

Percebe-se que esta festa, que é construída aos poucos pela comunidade, foi ganhando dimensões que ultrapassam o seu caráter religioso. A partir do momento em que o setor turístico incorpora o evento ao seu calendário, a festa sofre importantes transformações tornando-se um atrativo para o dia 31 de dezembro, juntamente com a queima de fogos. Sabe-se que, pela grandiosidade que a queima de fogos se transformou, os festejos para Iemanjá acontecem em dias anteriores ao 31 de dezembro, porém, alguns terreiros ainda mantêm seus rituais acontecendo no dia 31, nas areias de Copacabana.

A festa de Iemanjá de Salvador e Aracaju – diferentes olhares

A festa de 2 de fevereiro em Salvador tem uma história relacionada inicialmente a uma homenagem dos pescadores da região do rio Vermelho para a mãe d'água durante as festividades a Nossa Senhora Sant'Ana, e que gerou alguns conflitos com a igreja local. A pesquisadora Edilece Couto (2010) desenvolveu um estudo sobre algumas das mais representativas festividades existentes na capital baiana e faz referência à festa de Sant'Ana, mostrando como possivelmente surgiu a festa de 2 de fevereiro. Apresenta referências a conflitos entre os pescadores e a igreja, pelo presente colocado no mar para Iemanjá, que no primeiro momento foi realizado sem a interferência do candomblé.

Entretanto, somente depois de realizar o ritual seguindo as orientações de uma mãe de santo, os pescadores tiveram êxito com o presente. A autora ainda informa que a data da festa acontecia juntamente com a festa de Sant'Ana, tendo uma mudança significativa a partir da década de 1930:

pode-se verificar a ascensão da festa de Iemanjá e a lenta decadência do culto a Sant'Ana. Os pescadores criaram uma nova identidade com o culto africano e voltaram a ter uma festividade própria, sem a interferência da elite baiana e a Igreja católica (COUTO, 2010, p. 158).

Sendo assim, a festa de Iemanjá do rio Vermelho tornou-se uma importante manifestação do povo do santo da região, transformando-se em uma das festas mais representativas dedicadas a este orixá. São centenas de pessoas que circulam pela praia do rio Vermelho durante este dia, levando suas oferendas, realizando seus rituais.

Fotografia 1 – A Festa de Iemanjá do rio Vermelho, Salvador- BA -2 de fevereiro de 2014



Fonte: Janaina Couvo Aguiar.

É interessante perceber que, ao longo das areias da praia do rio Vermelho, os terreiros que vêm das várias partes do Estado, muito montam suas tendas no dia anterior, que já atrai centenas de pessoas ao bairro, pois na casa de Iemanjá, onde existem imagens e demais elementos simbólicos

referentes a esta divindade; é montada uma estrutura onde as pessoas podem colocar seus presentes; que depois os pescadores organizam em grandes balaies e, no dia 2, levam para o alto mar. Outro aspecto importante está relacionado ao local onde ocorre a festa, que se transforma. Hotéis realizam festas temáticas, onde as cores azul e branco e as representações de Iemanjá tornam-se elemento decorativo. Além disso, os bares e restaurantes também incorporam os elementos sagrados em sua decoração, preparam cardápios especiais para os visitantes, além de shows que acontecem em alguns espaços que são fechados. Durante todo o dia são organizados cortejos, sejam por religiosos ou pessoas da comunidade que vêm trazer seus presentes para a Rainha do Mar. Segundo a antropóloga Eufrázia Cristina Menezes Santos,

Religiosos, particulares e a Secretaria de Cultura e Turismo organizam cortejos para levar as oferendas à Iemanjá motivados por razões diferenciadas. A ação dos religiosos dá-se em concordância com os fundamentos das religiões afro-brasileiras que estabelecem alianças com as divindades por intermédio das oferendas. Os particulares organizam os cortejos a fim de agradecer ou pedir algum benefício ou simplesmente pelo prazer de participar da festa; são em sua maioria grupos de amigos, de moradores do bairro, associações, a esses grupos juntam-se as já tradicionais figuras ou personagens que estão presentes em todas as festas de largo da Bahia (2005, p. 196).

Sendo assim, a festa assume dimensões que ultrapassam o sagrado, envolvendo aspectos sociais, econômicos, culturais e turísticos. Torna-se um atrativo de grande importância para os Estados, que utilizam politicamente o evento.

Já na capital sergipana, Aracaju, também encontramos as celebrações para as “Senhoras das águas”. A festa de Oxum acontece no dia 8 de dezembro, dia da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição. Existem registros na imprensa local que relatam a festa acontecendo desde a década de 1960.

Durante este dia, que é feriado na cidade, acontecem algumas celebrações cujo objetivo é louvar o orixá, mobilizando o povo do santo e simpatizantes, que vão pela manhã participar da lavagem das escadarias da catedral, assim como também comparecem à noite na praia de Atalaia, onde diversos terreiros de Umbanda e Candomblé organizam seus presentes para serem colocados ao mar. A partir de 2004, soma-se a estes rituais a presença de um cortejo só de mulheres do Afoxé Omo Oxum, que prestam suas homenagens a Oxum.

Em Aracaju, o Afoxé Omo Oxum surge da iniciativa do Abaçá São Jorge, terreiro de candomblé angola/ijexá, a partir de uma iniciativa da Ialorixá Marizete Silva Lessa. Mãe Marizete, como é conhecida, realiza todos os anos, durante o mês de dezembro, o ciclo festivo dedicado às iabás, iniciando em 4 de dezembro, dia dedicado à Santa Bárbara, que no sincretismo religioso corresponde à divindade africana Iansã, e encerrando no dia 8 de dezembro, dia dedicado à Nossa Senhora da Conceição, que corresponde a Oxum.

A ideia inicial de criar o Afoxé veio da vontade da Ialorixá, que desejava, há certo tempo, criar esta manifestação cultural na cidade de Aracaju, até mesmo porque já existe no dia 8 de dezembro um ritual que acontece ao término da missa na Catedral Metropolitana, em que os adeptos das religiões afro-brasileiras fazem a "lavagem das escadas da Catedral", semelhante ao ritual que ocorre na segunda quinta-feira do ano em Salvador, na Igreja do Bomfim. Assim, Oxum teria mais uma homenagem neste dia, com o surgimento do Afoxé Omo Oxum.

O Afoxé Omo Oxum foi criado com o objetivo de combater a discriminação contra a mulher negra e a intolerância religiosa imposta aos adeptos das religiões afro-brasileiras, principalmente as mulheres. Vivemos numa sociedade ainda racista e discriminatória, onde o fator étnico-racial

associado ao vínculo religioso, muitas vezes resulta em práticas preconceituosas. Colocar nas ruas da cidade uma manifestação cultural afro-brasileira, onde todos os elementos fazem referência a uma divindade africana, o Orixá Oxum, com músicas cantadas em língua africana, o yorubá, reunindo mulheres vinculadas ou não aos terreiros de várias partes do Estado, é algo importante enquanto mecanismo de mobilização social contra a discriminação étnico racial, religiosa e de gênero.

Durante o dia 08 de dezembro, na orla da praia da Atalaia, existe um movimento ainda pequeno, onde alguns religiosos vão delimitar os espaços onde acontecem os rituais à noite, pois é neste horário que a maioria dos terreiros e seus adeptos levam suas oferendas e fazem seus rituais. Entretanto, alguns já começam no amanhecer do dia.

Fotografia 2 – O presente para Oxum – Aracaju-SE - 8 de dezembro de 2013



Fonte: Janaina Couvo Aguiar

São diversos terreiros das religiões afro-brasileiras que se reúnem nas areias da praia da Atalaia, realizando seus rituais e levando suas oferendas a Iemanjá e Oxum, pois Iemanjá também recebe as oferendas neste dia na capital sergipana. Junto aos terreiros, pessoas que são devotas desses orixás também levam seus presentes. Mas, percebe-se que esta festa ainda não foi apropriada pelo turismo local, pois não existe uma integração do setor hoteleiro assim como de bares e restaurantes, durante o evento, mesmo percebendo que neste dia já existe um movimento considerável ao longo da orla. Entretanto, não se percebe a incorporação de elementos sagrados relativos a estas divindades nestes espaços, assim como acontece em Salvador. Ainda não conseguem ver como as expressões culturais e religiosas afro-brasileiras podem ser incorporadas ao turismo local.

As festas, as oferendas, as dádivas: expressões do hibridismo cultural em torno das divindades das águas

Nas religiões afro-brasileiras, os rituais, sejam públicos ou privados, apresentam um caráter mágico entre as divindades e os adeptos, caracterizando-se por uma relação de “troca”, em que as oferendas são realizadas com o objetivo de receber uma dádiva dos orixás. É uma relação que envolve uma obrigação de dar, receber e retribuir, pois quando o adepto ou devoto realiza uma oferenda para Iemanjá e Oxum espera receber as bênçãos das divindades. Neste sentido, Marcel Mauss, ao tratar sobre a relação entre homens e deuses, ressalta que “acredita-se que é aos deuses que é preciso comprar, que os deuses sabem retribuir o preço das coisas” (2008 p.73-74).

Estas relações de troca que são observadas nas festas de Iemanjá e Oxum são construídas ou por indivíduos ou por grupos de pessoas vinculadas a um terreiro, a um grupo, ou mesmo individualmente, que ao organizar um

presente para as “Senhoras das Águas”, colocam não só seus desejos individuais, mas também os da coletividade.

Fotografia 3 – Presentes para Iemanjá – Salvador, BA - 2 fevereiro de 2014



Fonte: Janaina Couvo Aguiar.

Dito desta forma, a partir da concepção da dádiva de Mauss, é possível compreender e analisar este fenômeno enquanto um sistema de prestações totais, no qual a prestação total não está relacionada somente à obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas também de dar e receber tais dons. Com isso, entende-se a essência do *potlatch* presente nesta relação de obrigação entre dar, receber e retribuir, na qual nota-se que “nas coisas

permutadas, existe uma virtude que obriga as dádivas a circular, a serem dadas e a serem retribuídas” (MAUSS, 2008, p. 116). Sob esta ótica interpretativa, podemos entender que todos os anos centenas de pessoas retornam para reafirmar os laços com Iemanjá e Oxum, agradecer as dádivas recebidas e novamente reafirmar seus pedidos, possibilitando uma circulação de dádivas.

Fotografia 4 – Celebrando a “Senhora das Águas”- Salvador-BA-2 de fevereiro de 2014



Fonte: Janaina Couvo Aguiar.

É importante ressaltar que, na construção das oferendas destinadas a Oxum e a Iemanjá, é possível observar que a estas oferendas são incorporados diversos elementos, e que neste processo ganham *status* de sagrado. Porém, é possível perceber que estes elementos são, na realidade, incorporações culturais das mais variadas, não necessariamente africanas, mas sim das diversas culturas, resultantes de processos de trocas, permutas, hibridações.

Fotografia 5 – Elementos culturais híbridos na construção do presente de Iemanjá-Salvador-BA - 2 de fevereiro de 2014



Fonte: Janaina Couvo Aguiar.

Para entender estes processos híbridos, recorreremos a Canclini, quando este defende que “é possível construir uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais” (2008, p. 214-215). Desta forma, toda construção destas festas pode ser analisada a partir dessa perspectiva, onde os processos de hibridação estão relacionados a trocas culturais, entendendo que as identidades não podem ser consideradas enquanto “puras” ou “autênticas”, proporciona o surgimento de novas leituras sobre a festa e suas constantes transformações.

Neste processo, a identidade afro-religiosa está em constante transformação, se reinventando a cada momento, sofrendo influências dos diferentes sistemas culturais. Stuart Hall considera que,

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...). O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1999, p. 13).

Desta forma, durante as festas de Oxum e Iemanjá, nas duas cidades estudadas encontramos diversas expressões de uma identidade afroreligiosa que se constrói a cada momento, com a presença constante de elementos simbólicos incorporados, resultado dos contatos culturais, da própria transformação da sociedade contemporânea, fato este que pode ser observado na estética dos presentes e oferendas levadas pelos terreiros ou devotos. Estes trazem uma diversidade de objetos que na realidade representam o resultado do hibridismo cultural, reflexo da sociedade que está transformação, expressando também uma identidade em construção constante.

...e o sol vai embora, chega a lua e Iemanjá e Oxum se recolhem... odóiá! ora iê iê ô!

Entender as relações construídas nas festas voltadas a celebrar as divindades das águas é a oportunidade ímpar para compreender o significado que esses rituais têm para os adeptos das religiões afro-brasileiras. Como estas pessoas constroem suas relações com o sagrado, com esta força que emana da natureza por meio das águas, que têm nas divindades Iemanjá e Oxum suas referências rituais, encontrando nestas festividades o momento máximo de sua expressão.

Assim sendo, estes dois eventos festivos que acontecem em Salvador e Aracaju expressam, cada um com suas particularidades, como as transformações que acontecem cotidianamente na sociedade se estendem para o campo do sagrado, interferindo em seus rituais, que acabam por expressar

esse hibridismo cultural característico deste momento em que as culturas estão em constante troca, e que esta dinâmica também encontra nas expressões religiosas um espaço propício para a interação cultural. E que esta interação também está presente em todo o processo de construção da identidade afrorreligiosa dos que cultuam os orixás.

Quanto nome tem a Rainha do Mar?
Quanto nome tem a Rainha do Mar?

Dandalunda, Janaína
Marabô, Princesa de Aiocá
Inacê, Sereia, Mucunã
Maria, Dona Iemanjá.

Onde ela vive?
Onde ela mora?

Nas águas
Na loca de pedra
Num palácio encantado
No fundo do mar

(Trecho da música de Maria Betânia – Iemanjá, Rainha do Mar).

Referências

- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CARDOSO FILHO, João Simões. Festival de Iemanjá. Uma festa afro-religioso em Belém do Pará. *X Congresso Lusó Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador, 7 a 10 ago. 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305507426_ARQUIVO_XICONLABArtigo.pdf. Acessado: 12 out. 2014.
- CARNEIRO, Edson. *Religiões Negras, Negros Bantos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.
- COUTO, Edilece Souza. *Tempo de Festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Salvador: Edufba, 2010.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LACERDA, Ariomar. *Yemanjá, A Rainha do Mar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

LODY, Raul. *O Povo do Santo*. Religião, História e Cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. *Maternidade Simbólica na Religião Afro-Brasileira*: aspectos socioculturais da Mãe de Santo na Umbanda em Fortaleza-Ceará. Fortaleza, 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Ceará.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2008.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. *Religião e Espetáculo*: análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) – FFLCH, USP.

VALLADO, Armando. *Iemanjá, A Grande Mãe Africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos escravos, na África*. São Paulo: EDUSP, 1999.

